

O CIRCUITO INFERIOR CENTRAL NA CIDADE DE SÃO PAULO EM SUA RELAÇÃO COM A DENSIDADE DE FLUXOS E COM O MEIO CONSTRUÍDO

Msc. Marina Regitz Montenegro

Doutoranda em Geografia Humana do Programa de Pós-Graduação da USP - Bolsista FAPESP

Cidade Universitária, Av. Lineu Prestes, 338 CEP 05508-000 São Paulo (SP), Brasil

Tel.: (11) 3091-3769 - montenegromarina@hotmail.com

RESUMO

No presente artigo, buscamos realizar uma análise sobre o papel do meio construído e dos fluxos para a dinâmica do circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização. Procuramos mostrar como as atividades realizadas com baixos níveis de capital, tecnologia e organização, que compõem o circuito inferior da economia urbana, apresentam-se intrinsecamente relacionadas com os conteúdos do espaço geográfico no qual se localizam. A partir da análise de determinadas áreas da cidade de São Paulo que aparecem como verdadeiros “focos de concentração” do circuito inferior, – o Largo Treze de Maio em Santo Amaro e os distritos centrais Sé, República, Santa Cecília e Bom Retiro – buscamos entender como o território constitui um abrigo para os atores não-hegemônicos, na medida em que comporta atividades tão distintas e distantes em termos de graus de organização e de capital.

Palavras chave: circuito inferior, espaço geográfico, meio construído, fluxos, globalização.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous réalisons une analyse sur le rôle de l'espace bâti et des flux pour la dynamique du circuit inférieur de l'économie urbaine dans la ville de São Paulo dans la période de la globalisation. Nous essayons montrer comment les activités réalisées avec des bas niveaux de capital, technologie et organisation, qui constituent le circuit inférieur de l'économie urbaine, établissent des relations très étroites avec les contenus de l'espace géographique dans lequel celles-ci se trouvent. À partir de l'analyse de certaines aires de la municipalité de São Paulo où se concentrent les activités du circuit inférieur – le Largo Treze de Maio à Santo Amaro et les districts centraux Sé, República, Santa Cecília et Bom Retiro – nous essayons comprendre comment le territoire constitue un abri pour les acteurs non hégémoniques, dans la mesure où il comporte des activités tellement distinctes et distantes dans ce qui concerne leur niveau d'organisation et de capital.

Mots clés: circuit inférieur, espace géographique, espace bâti, flux, globalisation.

RESUMEN

En este artículo, intentamos realizar un análisis sobre el papel del medio construido y de los flujos para la dinámica del circuito inferior de la economía urbana en la ciudad de São Paulo en el periodo de la globalización. Buscamos mostrar como las actividades realizadas con bajos niveles de capital, tecnología y organización, que componen el circuito inferior de la economía urbana, se presentan fuertemente relacionadas a los contenidos del espacio geográfico en el cual se ubican. A partir del análisis de determinadas áreas de la ciudad de São Paulo que constituyen verdaderos “focos de concentración” del circuito inferior, – el Largo Treze de Maio en Santo Amaro y los distritos centrales Sé, República, Santa Cecília y Bom Retiro – intentaremos comprender como el territorio constituye un abrigo para los actores no-hegemónicos, puesto que comporta actividades tan distintas y distantes en términos de organización y de capital.

Palabras clave: circuito inferior, espacio geográfico, medio construido, flujos, globalización.

Introdução

A intensificação da participação do Brasil na divisão internacional do trabalho implica a presença crescente dos agentes da economia globalizada e de suas atividades modernas nas grandes metrópoles do país, sobretudo em São Paulo que se destaca no presente histórico e no cenário internacional como uma das ditas cidades “globais”¹. Contudo, as metrópoles abrigam, do mesmo modo, uma enorme gama de atividades realizadas pela população pobre também em expansão. Desse modo, elas contêm diferentes divisões do trabalho que coexistem e que por sua vez estabelecem relações diferenciadas com seu meio construído. Essas divisões do trabalho podem ser analisadas como circuitos da economia urbana, conforme propôs Santos (1978). Segundo este autor, o circuito superior – composto pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores – é o resultado direto das modernizações que atingem o território; já o circuito inferior compreende o resultado indireto

da modernização e constituiu-se de formas de fabricação não-capital intensivo, serviços não modernos fornecidos a varejo, comércio não moderno e de pequena dimensão, voltados sobretudo ao consumo dos pobres.

A crescente presença de atores hegemônicos na cidade de São Paulo, sobretudo de grandes empresas transnacionais, vem provocando um processo constante de rearranjo do meio construído da cidade, através do qual determinadas áreas são eleitas para acolher os agentes e os objetos da “modernidade”, garantindo assim a realização de uma mais-valia mundial. Contudo, a parcela do território urbano atingida por este processo é bastante restrita frente ao restante da cidade, no qual predomina uma enorme variedade de tipos de infra-estruturas. No período atual, esta reconfiguração de certas frações selecionadas da cidade se torna ainda mais acelerada e excludente. Todavia, a cidade não deve ser confundida ou identificada com uma única área de mercado onde se realiza o trabalho mais moderno. Ela é composta, em realidade, por áreas de mercado distintas para os diferentes circuitos de produção e circulação que nela coexistem.

Assim, embora compreenda uma grande metrópole corporativa, São Paulo pode abrigar também os tempos mais lentos, hegemônicos, visto que nem todos os seus espaços são atingidos pela modernização. A presença e expansão do circuito inferior da economia urbana residem fundamentalmente nesta capacidade do meio construído em abrigar situações menos geradoras de lucro, ou seja, menos capazes de conferir valor aos seus produtos; conforme nos revelam alguns pedaços da cidade como o Largo Treze de Maio, o Largo de Pinheiros e o próprio centro histórico (SILVEIRA, 2004, p.63). A própria materialidade construída, fruto das divisões sociais e territoriais do trabalho pretéritas, constitui um obstáculo à difusão das modernizações, graças à impossibilidade de ampliação instantânea dos espaços modernos.

Nas áreas analisadas da cidade de São Paulo – o Largo Treze de Maio localizado na Subprefeitura de Santo Amaro e os distritos Sé, República, Santa Cecília e Bom Retiro situados na Subprefeitura da Sé – concentra-se uma grande variedade de tipos de pequenas empresas familiares e de micro e pequenos negócios pertencentes ao circuito inferior da economia urbana. Na figura 1 temos a localização desses distritos no município de São Paulo.

Essas áreas da cidade agregam uma enorme diversidade de atividades do circuito inferior como oficinas de costura, pequenos salões de beleza, sapateiros, chaveiros, pequenos comércios alimentícios, relojarias, serviços de reparo e manutenção de aparelhos diversos, pequenas papelarias e fotocopiadoras, dentre outros; além da forte presença de vendedores ambulantes. Tais atividades localizam-se geralmente em parcelas desses distritos que não foram atingidas pelas modernizações ou, ainda, em áreas que vão sendo desvalorizadas pelas sucessivas vagas de modernização da economia e do equipamento urbano. Aí estão presentes as condições para a sua reprodução.

Vale destacar, aliás, que os micro e pequenos negócios² localizados nas Subprefeituras Santo Amaro e Sé, representam juntos respectivamente 88,78% e 90,71% do total de estabelecimentos presentes nessas duas subprefeituras (PMSP, 2000). Estas firmas menores tendem a gerar, juntas, um grande número de postos de trabalho em função dos baixos níveis de capital e tecnologia que comportam, assim como em função do extremo fracionamento das tarefas que as singulariza. Ou seja, embora cada unidade de produção, de comércio ou de serviços do circuito inferior possa oferecer apenas um pequeno número de ocupações, sua grande quantidade acaba por ter um efeito compensador sobre o mercado de trabalho.

Os valores de aluguel e de Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) de imóveis ocupados pelo circuito inferior na região do Largo Treze, em Santo Amaro, oscilam na faixa entre R\$ 200,00 e R\$ 1.000,000 mensais e R\$ 200,00 e R\$ 800,00 anuais respectivamente. Esses valores podem ser, em certos casos, mais elevados no centro da cidade, uma vez que o papel da localização enquanto referência de consumo é aí determinante na definição do preço do solo (MONTENEGRO, 2006). A idade dos imóveis nos quais se realizam as atividades do circuito inferior em ambas as áreas é, em geral, bastante elevada, implicando, muitas vezes, no agravamento da degradação do meio construído. Nas áreas analisadas, os imóveis ocupados pelos pequenos negócios datam, em grande parte, de mais de 60 anos.



Fonte: site da Prefeitura do Município de São Paulo.

Figura 1 - Subprefeituras do Município de São Paulo – 2006

Na região do Largo Treze de Maio, os imóveis e infra-estruturas encontram-se, de fato, bastante deteriorados, conforme revela a Figura 2. O meio construído tem assim um efeito sobre a ação que nele se desenrola, ou seja, implica uma retroação, convidando à realização sobretudo de trabalhos não-hegemônicos. Evidencia-se aí o papel ativo que o espaço (SANTOS et alli, 2000) exerce no condicionamento dos processos que nele se realizam.



Fonte: Lara Montenegro, 2005.

Figura 2 - Rua Paulo Eiró em Santo Amaro.

Deste modo, verifica-se que embora o Largo Treze de Maio esteja relativamente próximo a localizações valorizadas, como a Marginal Pinheiros e a Avenida Luís Carlos Berrini, essa área não é diretamente alcançada pelo processo seletivo de modernização do meio construído. Aumenta, por conseguinte, a segmentação intra-urbana. O centro, por sua vez, é um ponto de observação privilegiado do processo de “desvalorização” de uma área antes ocupada por atividades “modernas”, onde hoje se reforça a ideologia que confunde a pobreza e suas atividades com a marginalidade. Esta parte da cidade evidencia especialmente como uma fração do meio construído, que outrora representava uma economia de aglomeração para as grandes empresas, tornou-se recentemente uma deseconomia para estas firmas; ao mesmo passo em que constitui, cada vez mais, uma economia de aglomeração para as pequenas empresas pouco capitalizadas e, de modo geral, para a economia pobre (SANTOS, 1995, p.49).

Apesar do grau de deterioração do meio construído das áreas em que o circuito inferior tende a se instalar, é interessante notar como uma parcela importante dos agentes desse circuito considera a infra-estrutura de seus respectivos locais de trabalho adequada. Este aspecto nos revela como a gama de produções presentes num lugar se diferencia também em relação às suas exigências de infra-estrutura.

Com grande parte de suas infra-estruturas construída nas décadas de 1940 e 1950, o centro da cidade não consegue atender às exigências empresariais do período atual, simbolizadas sobretudo pelos atributos dos chamados “edifícios inteligentes”. Por outro lado, coloca-se também a questão do alto custo de reconversão dos prédios antigos. Ao mesmo tempo, a indisponibilidade de terrenos vazios para a construção de novos edifícios empresariais e residenciais³ na região central reduz ainda mais sua competitividade frente às novas centralidades hegemônicas no chamado vetor sudoeste da cidade. Não obstante, o centro abriga ainda uma parcela considerável da atividade do circuito superior da economia, sediando instituições financeiras, atividades do campo jurídico e de administração pública, dentre outras.

A paisagem do centro de São Paulo nos revela hoje, com efeito, como, em um mesmo pedaço do território, coexistem subsistemas técnicos provenientes de épocas diversas que, por sua vez, estão ligados aos diferentes circuitos da economia urbana (SANTOS, 1996, p.42). Porém, em certos subespaços do centro, são as atividades do circuito inferior que vêm se expandindo, enquanto atividades ligadas ao circuito superior estariam reduzindo sua presença. Daí o discurso de “desvalorização” do centro⁴. Segundo Comin (2005, p.19), o rearranjo dos tipos de atividades presentes na região central está relacionado aos dois processos que definem atualmente o centro da cidade de São Paulo: um processo de “mudança no perfil de ocupação” acompanhado do “empobrecimento no centro”.

Não obstante, a expansão de novas centralidades na cidade de São Paulo em direção ao vetor sudoeste (FRUGOLI, 2000), estreitamente vinculada a setores de alta renda e atividades de ponta, não eliminou o caráter de centralidade da área da Subprefeitura da Sé para milhões de pessoas, especialmente para a população de baixa renda que reside nas zonas Leste e Norte. As áreas centrais aí localizadas continuam representando redutos importantes de comércio, serviços, consumo, lazer e trabalho para grande parte da população do município e da Região Metropolitana de São Paulo. Essa composição confere ao centro de São Paulo tanto atributos de centralidade frente aos moradores das zonas Leste e Norte que aí trabalham, quanto atributos de periferia face às novas centralidades do vetor sudoeste da cidade. Conforme a interpretação de Rolnik et alli (2005, p.127), essa combinação de conteúdos atribui ao centro da cidade uma condição de “centralidade periférica”.

O Largo Treze de Maio, por sua vez, também pode ser considerado uma centralidade, ou melhor, como a principal centralidade da cidade para grande parte da população que mora e trabalha na Zona Sul. Centro histórico da extinta municipalidade de Santo Amaro, O Largo Treze de Maio representa o principal pólo de comércio e serviços de toda Zona Sul de São Paulo (OLIVEIRA, 1996, p.23). Diante deste atributo de polarizador de uma parcela importante da cidade e da presença de um meio construído desvalorizado com a concentração de diversos tipos de trabalho empreendidos pela população pobre, pensamos que a região do Largo Treze de Maio também possa ser considerada como uma das “centralidades periféricas” da cidade.

Podemos afirmar assim que o valor do trabalho realizado é assim dado por cada lugar. A concentração das modernizações em certos pontos selecionados do espaço urbano engendra a obsolescência prematura de outros lugares, muitas vezes bastante próximos daqueles atingidos pelas modernizações. A presença de um meio construído desvalorizado em certos subespaços do centro, conforme ilustrado pela Figura 3, assim como na região do Largo Treze de Maio, permite a resistência e a expansão do circuito inferior no período atual. Revela-se aí como as atividades realizadas com menos recursos valem-se da materialidade que não se adéqua às demandas da modernidade, conferindo-lhe, muitas vezes, uma nova dinâmica.

A importância da densidade de fluxos para o circuito inferior

Além da presença de um meio construído desvalorizado, o enorme fluxo cotidiano encontrado no Largo Treze de Maio e nos distritos centrais constitui também um fator essencial para a forte concentração de trabalhos não-hegemônicos nessas parcelas da cidade. Essas áreas abrigam uma intensa circulação de pessoas, constituindo ademais um ponto central de convergência dos meios de transporte da Região Metropolitana e da cidade de São Paulo, como revela o mapa da rede metroviária da Região Metropolitana de São Paulo, Figura 4.

Ao longo das últimas décadas, uma série de intervenções públicas favoreceu a acessibilidade ao centro antigo da cidade de São Paulo por meio do transporte coletivo, consolidando-o como ponto de reunião das linhas radiais da estrutura viária dos sistemas de ônibus, metrô e trem, e conferindo-lhe um grande dinamismo. Nos distritos da Subprefeitura da Sé, encontram-se 4 dos 19 terminais municipais e 13 das 52 estações de metrô da cidade. Já a Subprefeitura de Santo Amaro – que engloba os distritos de Santo Amaro, Campo Grande e Campo Belo – concentra 3 dos 8 corredores de ônibus e um terminal municipal, o qual apresenta, no entanto, um intenso movimento diário.



Fonte: Felipe Caranassios, 2006.

Figura 3 - Meio construído deteriorado na Rua Couto Chagas no Bom Retiro.

A média da entrada de passageiros nos dias úteis por estação nas principais estações de metrô localizadas no centro é aproximadamente a seguinte: 70 mil passageiros por dia na Sé, 60 mil passageiros por dia na República, 30 mil passageiros por dia em Santa Cecília e 24 mil passageiros por dia na Luz (próxima ao Bom Retiro). Já em Santo Amaro, a média é de 6 mil passageiros por dia (Indicadores do Metrô, 2003). A Linha C da frota de trens metropolitanos, por sua vez, transporta cerca de 90 mil passageiros por dia útil no trecho entre Osasco e Jurubatuba (CPTM, 2006). Na extremidade sul dessa linha, estão localizadas as estações Santo Amaro e Socorro, próximas ao Largo Treze de Maio (Figura 5). A expansão da Linha Lilás do Metrô (linha 5), em construção, ligará a Estação Largo Treze à Estação

O Largo Treze de Maio, por sua vez, pode ser definido como “o principal entrocamento de linhas de ônibus” da Zona Sul da cidade de São Paulo (OLIVEIRA, 1996, p.23). O Terminal Santo Amaro, localizado nas imediações do Largo, concentra mais de 60 linhas de ônibus. Contudo, circulam aí também diversas linhas que não têm seu ponto final no Terminal mas que cruzam o Largo Treze dirigindo-se ao extremo da Zona Sul, uma das regiões mais carentes e populosas da cidade. Conforma-se assim, no Largo Treze de Maio, uma paisagem na qual pessoas, ônibus, *vans*, barracas de vendedores ambulantes e os pequenos estabelecimentos se misturam, ocupando todos os espaços disponíveis.

Verifica-se também na região central e no Largo Treze de Maio um intenso fluxo de pedestres. No centro, entre as ruas Direita, São Bento, Xavier de Toledo e Barão de Itapetininga, por exemplo, o volume de pedestres é de mais de 6.000 pessoas por hora em dias de semana (ROLNIK et alli, 2005, p.139). Estima-se, por fim, que a circulação realizada no centro da cidade de São Paulo em transporte coletivo, em transporte individual e a pé envolva mais de 2 milhões de pessoas por dia (PMSP/Procentro, 2001).



Fonte: Lara Montenegro, 2005.

Figura 5 - Foto Estação de metrô Largo Treze em Santo Amaro.

Esse grande fluxo de pessoas que se dirigem diariamente a essas áreas da cidade, ilustrado pela Figura 6, nos revela a correlação direta com a concentração do trabalho e do consumo nessas regiões. Uma parcela considerável dessa população que circula nessas centralidades consome diariamente nos pequenos comércios e serviços do circuito inferior, os quais conseguem se manter justamente graças a esse fluxo cotidiano. Assim, o efeito de compensação do circuito inferior também se manifesta na esfera

do consumo. Pois embora as demandas individuais endereçadas a esse circuito sejam limitadas, o grande número de pessoas que nele consome implica um efeito ampliado sobre sua parcela do mercado.

Ainda que os pequenos negócios do circuito inferior tendam a se desenvolver nas parcelas desvalorizadas do tecido urbano, esses necessitam, todavia, de uma escala mínima de consumidores. Segundo Harvey,

(...) os valores de uso disponíveis no ambiente construído são limitados, (...) os indivíduos se utilizam do seu poder de mercado e disputam recursos escassos nas localizações mais vantajosas. Em seu nível mais elementar, essa concorrência é pelas chances de sobrevivência, pois cada trabalhador sabe que a capacidade de sobrevivência depende da capacidade de assegurar acesso a um conjunto particular de recursos numa localização razoavelmente satisfatória (HARVEY, 1982, p.31).



Fonte: Felipe Caranassios, 2006.

Figura 6 - Grande fluxo de pessoas na Rua Quinze de Novembro (Sé).

Portanto, podemos afirmar que é a grande circulação cotidiana das massas, combinada à presença de um meio construído “desvalorizado”, que autoriza a existência de uma série de pequenos estabelecimentos do circuito inferior, sobretudo de pequenos comércios e de pequenos serviços, que só podem continuar existindo graças a essa escala ampliada de consumidores que circula diariamente nos locais analisados na cidade de São Paulo. As possibilidades de cada atividade relacionam-se, de fato, sempre com a sua localização.

Considerações finais

Apoiados na análise de situações geográficas (SILVEIRA, 1999) no Largo Treze de Maio, na Sé, na República, no Bom Retiro e em Santa Cecília, procuramos apontar como as possibilidades de existência do circuito inferior derivam da diferente valorização do meio construído na cidade, resultado da seletividade dos investimentos no espaço urbano, e do grande mercado consumidor em potencial formado pela população pobre concentrada na cidade de São Paulo.

Buscamos mostrar assim como as atividades do circuito inferior são, deste modo, intimamente ligadas aos conteúdos do meio geográfico no qual se localizam. Em outras palavras, dependem dessa economia de aglomeração, aproveitando-se dos interstícios deixados pelos setores mais modernos. Uma vez que seus agentes não possuem a mobilidade espacial que caracteriza as grandes empresas, eles estão presos à sua localização primeira, dependem de um mercado local, contíguo.

A cidade de São Paulo abriga uma enorme diversidade de divisões do trabalho, comporta vetores diversos que se entrelaçam em um espaço comum, ainda que imbuídos de finalidades distintas. Estabelece-se assim uma combinação de usos nos lugares, especialmente naqueles selecionados pelos vetores da globalização, como a cidade de São Paulo. Ao mesmo passo em que o território é usado como um recurso pelos agentes hegemônicos para a realização de seus interesses, é também usado como um abrigo pelos agentes não hegemônicos (SANTOS et alli, 2000, p.8). Contudo, essas diferentes formas de usar o território não se realizam em espaços diferenciados, pelo contrário, se dão de forma conjunta e dialética, sobrepondo-se e relacionando-se. Os mesmos lugares que formam as redes formam o espaço banal, o espaço de todos (SANTOS, 1995, p.16).

Por fim, tendo em vista a presença crescente dos agentes do circuito inferior em São Paulo e o baixíssimo grau de capitalização da maioria de seus pequenos negócios, acreditamos que as possibilidades de trabalho neste circuito estejam muito mais relacionadas com a disponibilidade de espaço, ou seja, de um pedaço da cidade, do que com o acesso ao capital.

Notas

(1) Segundo Sassen (1991), “cidades globais” correspondem às metrópoles internacionais que concentram a organização da economia mundial: localizações centrais das finanças, dos serviços especializados às empresas e da produção de inovações. A crescente presença de atividades atreladas à modernidade em São Paulo reforça a ideologia de um discurso que a define como “cidade global”. Porém, este discurso confunde a extensão da atividade de um número extremamente reduzido de atores com aquela do trabalho da maioria.

(2) Ainda que não haja equivalência entre as categorias estatísticas oficiais de micro empresa e o conceito de circuito inferior, sua expansão é evidenciada pela crescente oferta de ocupação das micro empresas. Segundo o SEBRAE, micro empresas correspondem às empresas com até 19 pessoas ocupadas na indústria e com até 09 pessoas ocupadas no comércio e serviços; já as pequenas empresas correspondem aquelas que têm de 20 a 99 pessoas ocupadas na indústria e de 10 a 49 pessoas ocupadas no comércio e serviços.

(3) Os distritos centrais – Sé, República, Santa Cecília, Bom Retiro, Consolação, Bela Vista, Cambuci e Liberdade – concentram 10,6% da área construída total do município de São Paulo. O uso não residencial é predominante na região: 60,2 % do uso do solo construído é não residencial (PMSP, 2000/2001).

(4) Segundo Sposito (2004, p.376) “(...) sua centralidade não desaparece, mas apenas mudam ou se restringem os segmentos sociais para os quais ela se constitui. Nessa linha, a constatação da idéia de que os centros estão degenerados não deve ser lida como

sinônimo de que são, agora, nas cidades dos pobres, mas sim que, justamente por essa razão, seu patrimônio deixa de ser objeto de interesse dos investimentos (...).”

Referência Bibliográfica

- COMIN, A. Diagnósticos, Oportunidades e Diretrizes de Ação. In: **Caminhos para o Centro: Estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo**. EMURB, Prefeitura do Município de São Paulo, CEBRAP, CEM, 2005, pp.1-30.
- FRÚGOLI, H. J. **Centralidade em São Paulo**. São Paulo: Cortez, 2000.
- HARVEY, D. O trabalho, o capital e conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas. Tradução: Flavio Villaça. In: **Espaço e Debates**, junho/ setembro, 1982, pp.6-35.
- ITIKAWA, L. Geometrias da clandestinidade: o trabalho informal no centro de São Paulo. In: **Caminhos para o Centro: Estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo**. EMURB, Prefeitura do Município de São Paulo, CEBRAP, CEM, 2005, pp.339-362.
- MONTENEGRO, M. R. **O circuito inferior da economia urbana na cidade de São Paulo no período da globalização**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- OLIVEIRA, E. L. **Projeto Interlagos – a praia que faltava à São Paulo. Contradições e significado da inserção de Santo Amaro/ Zona Sul na Formação Socioespacial Metropolitana**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO / Procentro. **Reconstruir o centro. Reconstruir a cidade e a cidadania**. São Paulo, 2001.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO / Secretaria Municipal de Planejamento do Município de São Paulo. **Globalização e Desenvolvimento Urbano**. São Paulo, 2000/2001.
- ROLNIK, R., CAMPOS, C. M., e NAKANO K. Dinâmicas dos subespaços da área central de São Paulo. In: **Caminhos para o Centro: Estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo**. EMURB, Prefeitura do Município de São Paulo, CEBRAP, CEM, 2005, pp.123-158.
- SANTOS, M. **O Espaço Dividido. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Tradução de Myrna T. Rego Viana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- _____. **Por uma economia política da cidade: O Caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. et alli. **O papel ativo da Geografia. Um manifesto**. Sala de Estudos Territoriais Brasileiros, Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. FFLCH/ USP. São Paulo, 2000.
- SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro, Record : 2001.
- SASSEN, S. **The Global City, New York, London, Tokio**. Princeton University Press: 1991.
- SILVEIRA, M. L. Uma Situação Geográfica: Do Método à Metodologia. In: Revista **Território**. Rio de Janeiro, ano IV, n. 6, 1999, pp. 21-28.
- _____. São Paulo: os dinamismos da pobreza. In CARLOS, A. F. A. e OLIVEIRA, A. U. de (Orgs). **Geografias de São Paulo. Representação e crise da Metrópole**. São Paulo: Editora Contexto, 2004, pp. 59-71.
- SPOSITO, M. E. B. **O Chão em pedaços: Urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo**. Tese de Livre Docência apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Presidente Prudente, 2004.

Principais Sites consultados:

Companhia do Metropolitano de São Paulo – Metrô: www.metro.sp.gov.br

Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM): www.cptm.sp.gov.br

Prefeitura do Município de São Paulo (PMSP): www.prefeitura.sp.gov.br

São Paulo Transportes S.A. (SPTRANS): www.sptrans.com.br

Trabalho enviado em dezembro de 2008.

Trabalho aceito em abril de 2009.